

## SECA NO ES



# RIO DOCE AGONIZA

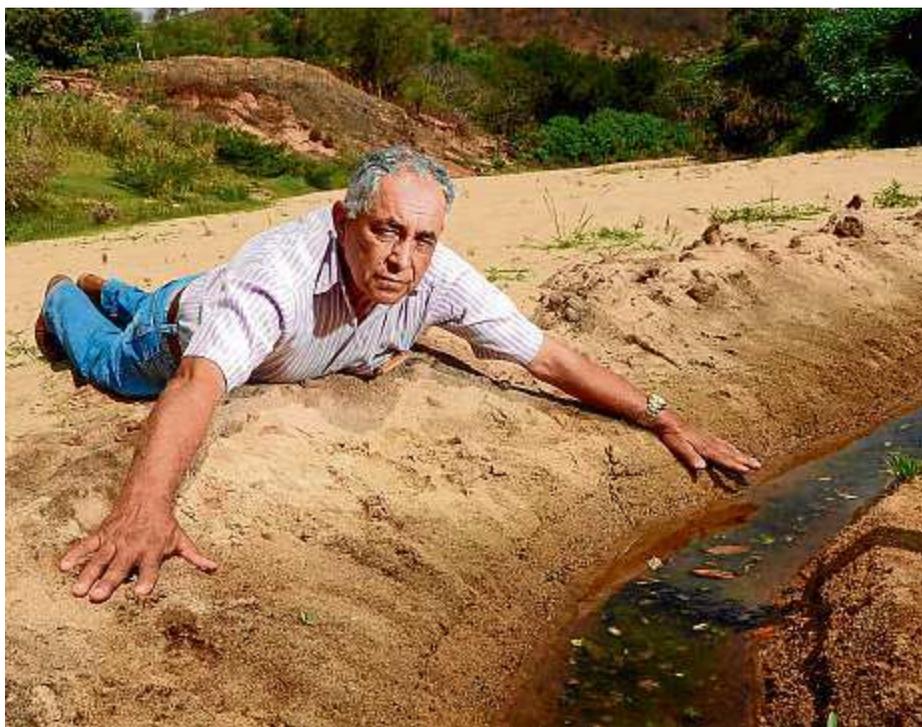
## UMA DAS PIORES SECAS

Estiagem na nascente, em Minas, afeta regiões no Estado

▄ VILMARA FERNANDES  
vfernandes@redegazeta.com.br

Só o apito do trem permanece o mesmo em Barra do Queixada, Baixo Guandu. Já a região, há nove meses devastada por uma enchente, sofre agora com as mudanças trazidas pela estiagem que atinge as localidades às margens do Rio Doce. Por lá o pasto anda seco, os peixes sumiram dos rios e a falta de água já aflige a população.

“Ando até seis quilômetros para conseguir água potável”, desabafa o agricultor Lourival Ferreira de Melo, 67 anos, em frente à linha de ferro que corta a sua propriedade – o Sítio Bom Jesus –, assim como um braço do Rio Doce, que secou por completo em abril deste ano.



Lourival mostra o leito seco do Rio Doce, onde até janeiro atravessava a nado

### MOTIVO

O que acontece na região é um reflexo da seca que atinge o Sudeste e que tem afetado fortemente o entorno da nascente do Doce, em Minas Gerais, reduzindo o seu volume de água.

O acompanhamento feito pelo CPRM – o Serviço

Geológico do Brasil –, com base em uma série histórica do Alto Rio Doce, indica que o cenário é grave. “Esta é uma das cinco secas mais severas vivenciadas nos últimos 70 anos”, explica Elizabeth Davis, engenheira hidróloga e superinten-

dente regional do CPRM, em Belo Horizonte.

Uma condição que se agrava considerando que os municípios capixabas percorridos pelo Doce também vivem momentos de estiagem, como é o caso de Baixo Guandu – consi-

derada a área mais seca no Estado – e Colatina.

### CENÁRIO

Uma situação que tem assustado Lourival, o agricultor de Barra do Queixada. “Nunca vi isso acontecer em toda a minha vida”,

relata, mostrando um areal onde antes era um braço do Doce em suas terras. No início deste ano ele atravessava o local a nado: “Já carreguei muita saca de milho por aqui, de bote”.

Por onde passava o Doce, agora corre apenas um filete de água por uma vala. Ela foi feita por Lourival para trazer água de outro ponto do rio até um poço, também cavado por ele. Lá ele reinstalou uma bomba que estava abandonada na secara do leito do rio.

É assim que ele garante água para a limpeza da casa e tem evitado que o gado morra de sede, mas não consegue irrigar suas plantações. “Agora, só chovendo”, diz.

### AREIA

A redução do volume de água no Rio Doce já afetou até a Usina de Mascarenhas, também em Baixo Guandu. Ela está operando apenas com uma de suas quatro turbinas.

De Baixo Guandu a Linhares – percurso feito pelo Doce no Estado até o

mar, em Linhares –, é possível avistar enormes bancos de areia. Há pontos onde a calha do rio já conta com mais de quatro metros de areia acumulada, relatam moradores.

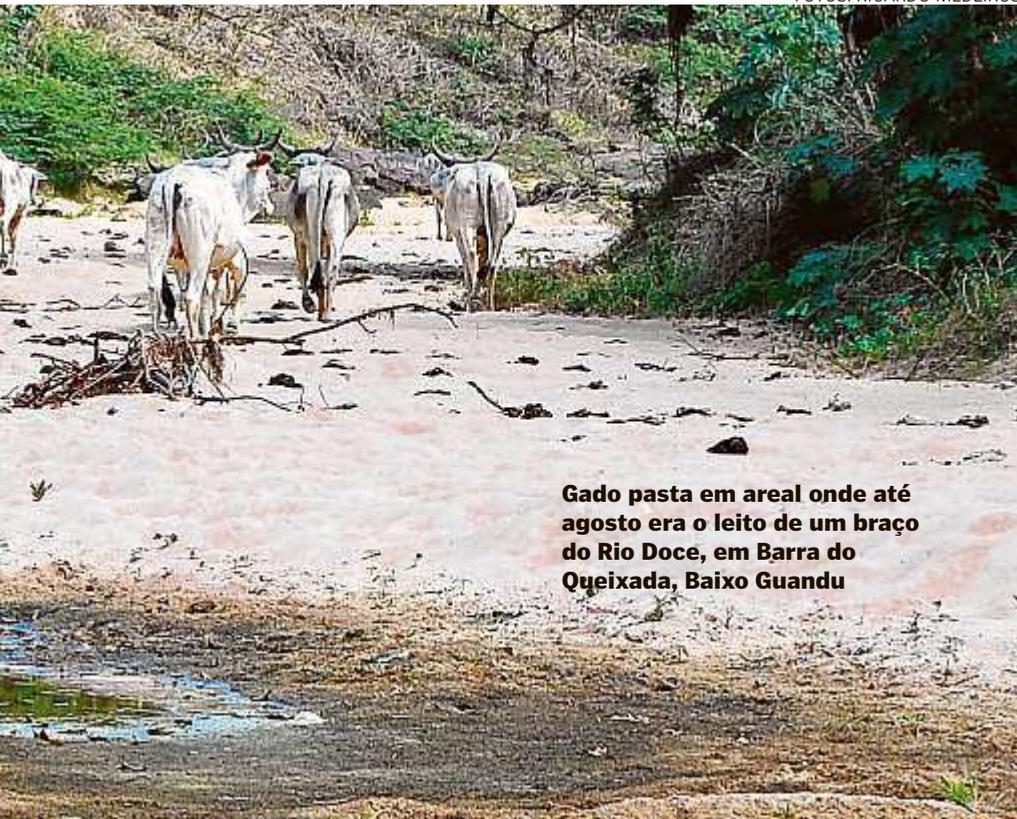
### RISCO

Uma situação que põe em risco casas e ruas da comunidade de Mascarenhas. “Como a calha está cheia de areia, quando vem a enchente, a força da água amplia a largura do rio, ameaçando a estrutura das casas que estão às suas margens”, observa o comerciante Givanildo Pereira Costa, 42 anos.

Ele, inclusive, é dono de uma propriedade em que parte da terra foi levada pelo rio na enchente do final do ano passado.

Em Mascarenhas os moradores cobram a construção de um muro de contenção nas margens do Doce, próximo à represa. “Só assim evitaremos uma tragédia e a destruição da metade da comunidade”, diz o líder comunitário Paulo Renato Maciel.

FOTOS: RICARDO MEDEIROS



**Gado pasta em areal onde até agosto era o leito de um braço do Rio Doce, em Barra do Queixada, Baixo Guandu**

Por lá a seca também anda causando estragos nas finanças. “Você tem que descer pelos menos uns quatro quilômetros no rio para conseguir peixe”, conta o pescador Waldir Quevedez Filho, 54 anos.

Em anos anteriores, com o rio cheio, ele conseguia uma renda mensal de três salários mínimos. “Hoje, não chega a uma salário”, acrescenta Waldir, lembrando que próximo à represa já era possível pescar.

**SEM BALSA**

Há alguns quilômetros de Mascarenhas está a comunidade de Itapina, já no município de Colatina, cujo acesso à BR 259 é feito pelos moradores, preferencialmente, por um balsa. Quando o Doce está cheio ela trabalha até às 18 horas, fazendo travessias a cada 15 minutos.

Há quase um mês está parada. O nível de água no rio é tão baixo que ela não consegue atravessar, fica encalhada. “Toda hora chega gente querendo atravessar, mas não tem jeito”, conta Arlindo Schutz, 59 anos, balseiro há 13.

**CONFIRMAÇÃO**

Para mostrar a situação, ele levou nossa equipe até o meio do rio, de onde a balsa não conseguiu prosseguir. “Aqui tem muita pedra”, disse, batendo com o bambu que o ajuda a empurrar a balsa no fundo do rio.

O balseiro tem passado os dias sonhando com a chuva que não cai, e destaca que a situação tem se agravado nos últimos anos. “A balsa nunca ficou tanto parada por falta de

“**Antes o Doce tinha uns 30 metros de largura, hoje mal chega a cinco. Além da areia que desce, tem o problema do esgoto que nele jogam**”

— **LAUDIR PINTO LORDE**, Pescador, 40 anos

água”, conta Schutz.

Uma redução de água causada pela falta de chuva, mas também pelo desmatamento desordenado. “E tem o problema do esgoto e do lixo que jogam no rio”, relata o pescador Laudir Pinto Lorde, 40 anos.

Com tudo isso, os bancos de areia têm avançado sobre o leito do Doce. Há locais onde o que se vê é apenas uma lâmina de água. “Quando cheguei a Colatina, há 15 anos, a margem do rio ficava uns 50 metros mais distante do que é hoje”, relata Joel Bahiense, pintor e pescador nas horas de folga.

Para garantir o seu peixe de fim de semana ele agora precisa andar ainda mais dez metros dentro do rio para alcançar a parte mais funda. “E levei quase sete horas para pescar uma coringa”, acrescenta Joel.

O curioso é que o mesmo rio que hoje sofre com a seca foi alvo de uma enchente no final do ano passado, tanto em Minas Gerais quanto no Espírito Santo. Em Colatina, por exemplo, em alguns pontos o Doce alcançou mais de quatro metros acima da cota de inundação, levando devastação à cidade.

Hoje há pontos do rio onde o nível não chega a 35 centímetros, como relata Antonio Demuner, diretor operacional do Serviço Colatinense de Meio Ambiente e Saneamento Ambiental (Sanear). “Locais onde, em situação normal, teríamos um metro de água”, diz.

**EXPECTATIVA**

O consolo para quem vive às margens do Rio Doce vem do fato de que está chegando ao fim o período de estiagem, que vai até o mês de outubro. E a esperança é que se configurem as previsões do Centro Capixaba de Meteorologia (Cecam), do Incaper, para o próximo trimestre. “A expectativa é de que se tenha um período de chuva dentro do normal, ou um pouco acima”, diz o meteorologista Bruce Pontes.

É o que anima a pescadora Maria Angelita de Paula Oliveira, 40 anos. Embora o temor de uma nova enchente sempre esteja presente, ela, “que é nascida dentro do rio” – como faz questão de dizer –, não tem dúvidas: “Agora, só com muita chuva”.

[gazetaonline.com.br](http://gazetaonline.com.br)

Confira relatos de quem vive às margens do Rio Doce e vídeo que mostra a situação da balsa de Itapina.



**Só descendo o rio para encontrar peixe**  
Nos pontos onde Waldir pescava, em Mascarenhas, agora só tem pedra, areia e pouca água. Os peixes sumiram.

“Há uma década que a situação do Doce só piora. Já pesquei muito neste rio, agora é só prejuízo. Se não descer alguns quilômetros, não acha peixe”

— **WALDIR QUEDEVEZ FILHO**, 47 anos, pescador



**Leito do Rio Doce reduzido à metade**  
Em frente à represa da Usina de Mascarenhas, em Baixo Guandu, metade do leito do rio se transformou num areal.

“Aqui tem uns quatro metros de areia acumulada no que era o fundo do rio. Nas enchentes, as casas que ficam nas margens correm o risco de desabar”

— **GIVANILDO PEREIRA COSTA**, 42 anos, comerciante



**Balsa parada para não encalhar no rio**  
Com o nível do Rio Doce baixo em Itapina, há quase um mês os moradores não podem fazer a travessia para a BR 259 de balsa.

“Atravesso quase 80 pessoas por dia, de dez em dez minutos. Agora o povo só faz reclamar. Mas não tem jeito, a balsa não passa do meio do rio”

— **ARLINDO MANTAY SCHUTZ**, 59 anos, balseiro

# SECA NO ES

FOTOS: RICARDO MEDEIROS



### Sete horas à espera de um peixe

Mesmo após todo esse tempo, seu Joel ficou feliz ao pescar uma coringa.

“Tenho que andar quase 15 metros dentro do rio para pescar”

**JOEL BAHIENSE**, 67, pescador e pintor em Colatina



### Profissionais abandonados

Em plena seca, sem peixe, não recebemos nem cesta básica.

“Aqui já teve até dourado de 30 quilos, e cachara, peixe raro”

**DELSON GONÇALVES**, 70 anos, pescador em Mascarenhas

# POUCA ÁGUA NO LEITO DO RIO DOCE

## A vazão medida em Colatina é a menor já registrada desde o início do ano

▄ **VILMARA FERNANDES**  
vfernandes@redgazeta.com.br

O volume de água do Rio Doce, a chamada vazão, vem caindo muito desde o início do ano. Segundo levantamento realizado pelo CPRM – o Serviço Geológico do Brasil, em janeiro, logo após a enchente, ela ultrapassou os 1.700 m<sup>3</sup>/segundo. Na última medição, feita em agosto último, ambas em Colatina, ela estava em 194 m<sup>3</sup>/segundo.

Um valor abaixo da cota de outorga – medição que considera a semana mais seca, de um ano também seco, em um período de dez anos. Ela é a referência nos casos de concessão de uso

de água para irrigação. Sua medição, em Colatina, é de 216 m<sup>3</sup>/segundo. Cerca de 10% acima do que está sendo observado no rio.

### A PÉ

Elizabeth Davis, engenheira hidróloga e superintendente regional do CPRM, em Belo Horizonte, relata que o nível do Rio Doce em Colatina está tão baixo que para algumas medições já não é preciso o uso de barco. “Os técnicos conseguem fazê-las a pé”, conta.

Para ela, a população já deve se preocupar em economizar água. “Ainda temos um período de estiagem pela frente”, avalia.

A situação fica mais preocupante se considerar que as cidades capixabas percorridas pelo Doce também vivem um momento de forte estiagem, como é o caso de Baixo Guandu e Colatina.

Segundo levantamento realizado pelo Centro Capixaba de Meteorologia (Cecam) do Incaper, de janeiro a agosto deste ano choveu 256,6 milímetros em Baixo Guandu. É o décimo período mais seco desde 1941.

Só para se ter uma ideia, a média de chuva no período de janeiro a agosto, na série histórica desde 1941, é de 427,4 milímetros. É quase o dobro do que foi observado até agora.

Em um ano chove, em Baixo Guandu, cerca de 890 milímetros. Só no mês de dezembro do ano passado a cidade registrou um total de chuva de 760,4 milímetros. Foi o período da enchente, que deixou a cidade ilhada.

### COLATINA

A situação não é muito diferente em Colatina, que vive o segundo ano mais seco desde 1968. Lá choveu, de janeiro a agosto deste ano, 246,7 milímetros. A média histórica (desde 1968) para o período é o dobro, 505,5 milímetros. O ano mais seco da história de Colatina foi em 1976, quando choveu 232,1 milímetros.

### RAIO X

A **bacia do Rio Doce** é uma das principais fontes de água da Região Sudeste, garantindo abastecimento para a população e para atividades econômicas



### ASPECTOS ECONÔMICOS

- Na área da Bacia do Doce está instalado o maior complexo siderúrgico da América Latina
- No Vale do Aço operam três das cinco maiores empresas nacionais: Arcelor Mittal Longos (ex-Belgo), Aperan (ex-Acesita) e Usiminas. Tem ainda a Vale, maior mineradora a céu aberto do mundo

### PROBLEMAS ECOLÓGICOS

- Sofre com o desmatamento desordenado, o que tem causado assoreamento e reduzido o volume de água do Rio Doce
- Já convive com os conflitos causados pelo uso da água para irrigação

Fonte: CPRM e Instituto Adonai

A Gazeta | Editoria de Arte | Genilido

## Rede Gazeta fará expedição no Rio Doce

▄ No próximo mês de outubro, a equipe da TV Gazeta Norte/Nordeste, com um grupo de especialistas de diversas áreas e autoridades ambientais vão realizar a primeira Expedição Científica do Rio Doce.

O grupo sairá de Baixo Guandu, onde o Rio Do-

ce, que nasce em terras mineiras, entra no Espírito Santo. De lá seguirão até a foz do rio no Oceano Atlântico, em Regência, Linhares. Serão cinco dias de viagem.

A proposta é fazer um diagnóstico da situação em que se encontra o Doce. Fazem parte da equi-

pe professores e alunos do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), que vão coletar dados e materiais para análise da água, do solo e da vegetação, além de identificar e apontar os principais problemas do rio.

A expedição contará com a participação da

Polícia Militar Ambiental e do Corpo de Bombeiros. O comando das embarcações ficará com a Associação de Pescadores do Rio Doce.

A Rede Gazeta, além do apoio logístico, fará a cobertura jornalística. O editor-chefe das regionais Norte e Noroeste

da TV Gazeta, Vinícius Baptista, transformará o material em uma série de reportagens que será exibida na TV Gazeta.

A repórter Késia Moura fará um diário de bordo, onde os internautas poderão acompanhar todos os passos da expedição pelo Gazeta Online e no jornal A GAZETA. Ao final da expedi-

ção, os professores do Ifes farão um diagnóstico que será entregue para os governos do Espírito Santo e de Minas Gerais.

O trabalho será apresentado em escolas para despertar nas crianças que vivem às margens do rio a importância da preservação e do cuidado com o meio ambiente.

# COLATINA FAZ ALERTA PARA ECONOMIZAR

## Aviso virá na conta que os moradores receberão no fim do mês

/// **VILMARA FERNANDES**  
vfernandes@redgazeta.com.br

A conta de água que os moradores de Colatina vão receber no final deste mês virá com um alerta: é preciso economizar água. A medida é mais um dos reflexos da seca que atinge o Rio Doce e dificulta a captação de água para o abastecimento no município.

Segundo Antonio Demuner, diretor operacional do Serviço Colatinense de Meio Ambiente e Saneamento Ambiental (Sanear), desde fevereiro, quatro fluantes estão sendo utilizados para bombear água do rio e outros três estão prontos para serem usados.

“Este ano tivemos que lançar mão deles dois meses após a enchente do final do ano passado”, relata Demuner. Desde que foram comprados, há três anos, começavam a ser uti-



RICARDO MEDEIROS

Em vários trechos do Doce, como em Colatina, enormes bancos de areia avançam sobre o leito do rio

lizados só em setembro.

Um dos grandes problemas decorre do assoreamento, que ano a ano vem reduzindo a vazão do rio. Demuner destaca que a situação é mais grave do lado Norte da cidade, na região da Grande São Silvano.

Por mês são captados do rio 800 mil/m<sup>3</sup> de água para garantir o abastecimento de 29 mil usuários, não incluindo os que vivem no interior do município. “Houve um crescimento de 15% no consumo em relação a 2013, com a criação

de novos bairros e novas empresas”, diz Demuner, que avalia ser esta a maior seca dos últimos anos.

### SURPRESA

Ainda se recuperando da enchente do ano passado – e precisando construir

pontes e estradas –, o prefeito de Baixo Guandu, Neto Barros, já começa a receber reclamações por conta da estiagem que afeta algumas de suas comunidades. “Reclamam que não conseguem água para o gado e para a lavoura. Mas

ainda não há relatos de falta de água nas casas”, diz.

Em seu município as regiões que mais sofrem com a seca no Doce são as localidades de Barra do Queixada e Vila Nova Bananal, com cerca de 4 a 6 mil moradores. “Por lá a estiagem está bem forte há mais de um mês”, conta o prefeito.

O que tem afetado o município, segundo Barros, é que aliado à falta de chuva, tem feito muito frio. “O que faz com que o clima fique ainda mais seco”, pondera Neto.

No final do ano passado, durante a enchente, Baixo Guandu chegou a ficar ilhada com a cratera que se abriu na BR 259. Para muitas comunidades o acesso só era possível por helicóptero e em algumas regiões os corpos de moradores soterrados por deslizamentos ainda não foram encontrados.

## CANDIDATOS AO GOVERNO APONTAM SOLUÇÕES PARA A SECA

“O CAMINHO É IMPLANTAR A POLÍTICA ESTADUAL DE RECURSOS HÍDRICOS”

Paulo Hartung



“VAMOS ELABORAR E IMPLEMENTAR UM NOVO CÓDIGO FLORESTAL”

Renato Casagrande



### Vai priorizar a agenda da água

/// “Vamos priorizar a agenda da água, fundamental ao desenvolvimento com sustentabilidade. O Estado não possui uma boa disponibilidade de recursos hídricos, principalmente na região Norte, o que acaba tornando a água um fator limitante para seu o desenvolvimento. Para minimizar os impactos da estiagem, adotaremos medidas emergenciais, como a construção

de cisternas em propriedades rurais para a coleta da água da chuva; distribuição de água por meio de carros-pipa; e articulação dos agentes financeiros para facilitar o acesso ao crédito para produtos rurais que sofreram com a seca. Vamos cuidar ainda da recuperação de nascentes por meio de um grande programa de reflorestamento e da regularização da ocupação do solo, utilizando o mecanismo de pagamento por serviços ambientais, para não gerar prejuízos aos produtores rurais. Iremos ampliar e forta-

lecer programas nos moldes dos “Produtores de Água” e “Florestas para a Vida”, que foram desenvolvidas em nossa gestão e instituíram o Pagamento por Serviços Ambientais no Estado. O caminho é implantar definitivamente a Política Estadual de Recursos Hídricos. Com o controle adequado da outorga pelo uso da água, vamos estruturar uma boa rede de monitoramento hidrológico. Tudo discutido e negociado com a sociedade, já que sem a sua participação este problema não será enfrentado adequadamente.”

### Problema que exige ações firmes

/// É um problema que exige ações firmes e urgentes dos governos federal, estadual e municipal. Para recuperar a Bacia do Rio Doce, firmamos, em 2013, um protocolo para implementar um Programa de Desenvolvimento Sustentável e de Revitalização. E, com a elaboração do Plano Diretor de Disponibilidade Hídrica (PDDA), vamos incrementar o potencial hí-

drico da bacia, com a adequação ambiental e produtiva de territórios. A proposta é construir, até o final de 2018, 50 barragens coletivas com dupla finalidade (captação de água para a irrigação e controle de vazão). Lembrando que, agora em 2014, foram concluídos os projetos para a construção de 34 barragens em diversos municípios, sendo duas em Colatina e quatro em Baixo Guandu. Vamos elaborar e implementar um novo Código Florestal Estadual, em consonância com o

Novo Código Florestal Brasileiro. Haverá ainda oferta de cursos para o produtor rural com foco no empreendedorismo rural, gestão e administração, multicultura e melhores práticas de produção. Vamos ampliar a política de Educação Ambiental em todo o Estado, e atuação do programa Reflorestar para alcançar 18% da cobertura florestal do território capixaba. Vamos integrar os municípios com a elaboração e execução dos planos de suas bacias hidrográficas para garantir suas preservações.